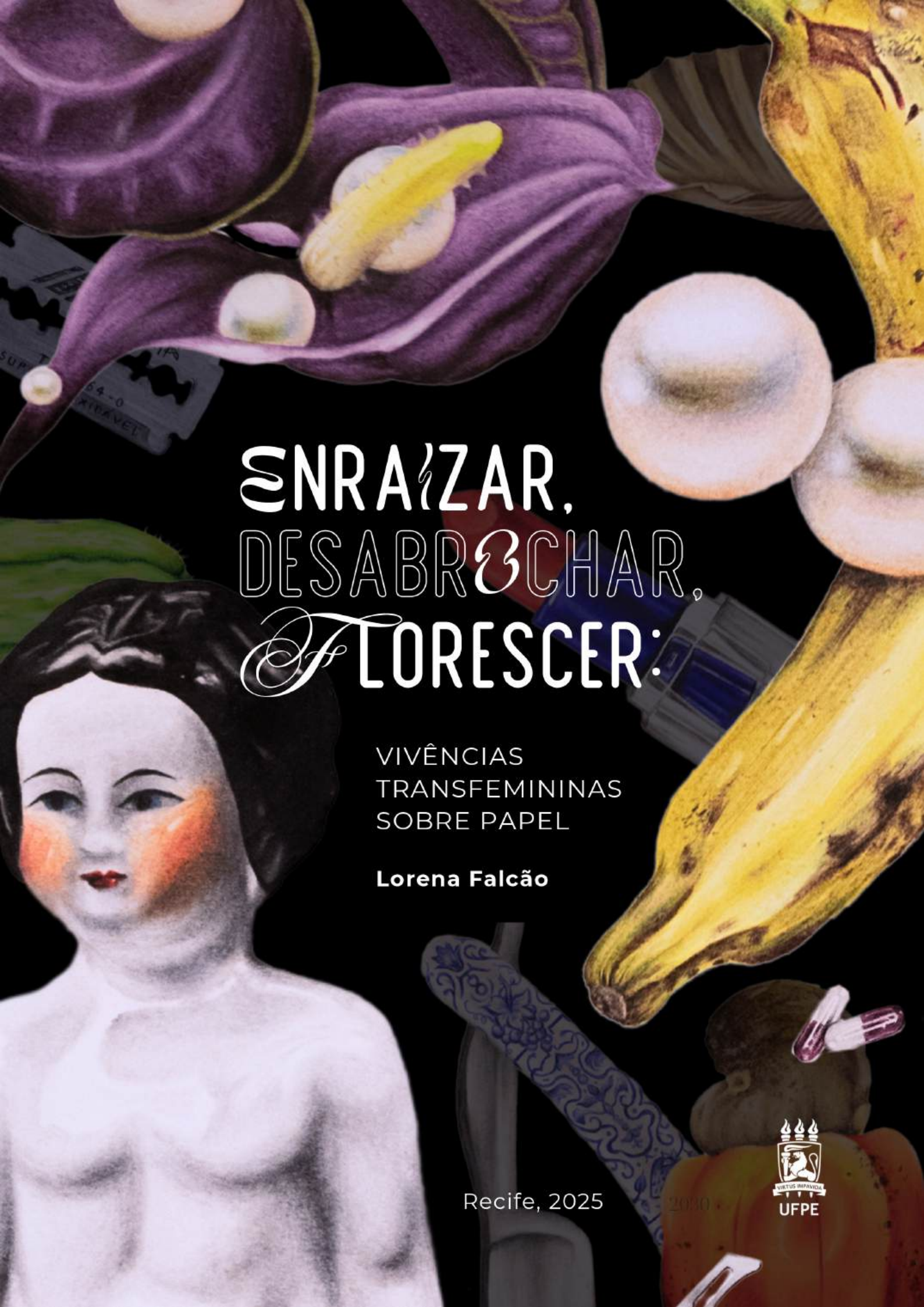




ENRAIZAR, DESABR&CHAR, *F*LORESCER:

VIVÊNCIAS
TRANSFEMININAS
SOBRE PAPEL

Lorena Falcão

Recife, 2025



Lorena Falcão

ENRAIZAR, DESABRANCHAR, *F*LORESCER:

VIVÊNCIAS
TRANSFEMININAS
SOBRE PAPEL

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Curso de Artes Visuais
- Bacharelado da Universidade
Federal de Pernambuco, como
requisito parcial para obtenção do
título de Bacharel em Artes Visuais.

Orientador: André Antônio Barbosa

Recife, 2025

2030

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do programa de geração automática do SIB/UFPE

Falcão, Lorena.

Enraizar, Desabrochar, Florescer: Vivências transfemininas sobre papel /
Lorena Falcão. - Recife, 2025.
57 p : il., tab.

Orientador(a): André Antônio Barbosa

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Federal de
Pernambuco, Centro de Artes e Comunicação, Artes Visuais - Bacharelado, 2025.
Inclui referências.

1. Transpologia. 2. Transição. 3. Lápis de cor. 4. Hiperrealismo. 5. Artes
visuais. 6. Vivências . I. Barbosa, André Antônio . (Orientação). II. Título.

700 CDD (22.ed.)

agradecimentos

Gostaria de expressar minha profunda gratidão a todas as pessoas que estiveram ao meu lado ao longo da elaboração desta pesquisa.

Primeiramente, agradeço a minha mãe e pai (Luiza e Alex Falcão), por todo cuidado, amor e carinho que me deram e vêm me dando desde o dia que nasci; por estar ao meu lado nos momentos bons e ruins, por me apoiar, por ser minha base. Amo vocês.

Às várias mulheres da minha família que me inspiram e me dão tanto carinho: Maria Luiza (Lília), minha avó; Ana Paula Santana e Sandra Santana, minhas primas; e Marta Silva, minha madrinha.

A Rhayssa Mousinho e Letycia Gomes, minhas melhores amigas e que foram meu porto seguro quando mais precisei, que cuidaram e cuidam de mim até hoje. E também pelo apoio que me deram nos conteúdos para mídias digitais, de vídeo e design, respectivamente.

A Rafael Salles, meu namorado, por estar comigo em cada passo dessa jornada, desde o início da minha transição a emprestar os lápis de cor, estar do meu lado ao longo do processo criativo e revisar gramática, coesão e coerência desse trabalho inteiro e de muitos outros.

A André Antonio, meu orientador, por todo direcionamento, conselhos e apoio acadêmico ao longo da construção deste trabalho. Sua contribuição foi essencial para o sucesso desta pesquisa.

A Thaes Arruda e Louie Caetano, pelas conversas, saídas e doses de coragem que foram fundamentais para tomar atitude e correr atrás dos desdobramentos da pesquisa.

A Almir Canel, meu psicólogo, por me acompanhar antes e durante todo esse processo.

A Ludmila Steckelberg (Vah Miré), minha mentora, pelas nossas diversas conversas, ensinamentos e inspiração.

A Pedro Bezerra, técnico de artes visuais da UFPE, pela assistência nos momentos iniciais dessa pesquisa, me ajudando a entender qual rumo gostaria de seguir.

A Maria Betânia e a Jessica Tardivo, que me acompanharam nas disciplinas de pré projeto e TCC1, e TCC2, respectivamente. Todas as críticas e sugestões foram essenciais para o desenvolvimento deste trabalho.

A Luciana Borre. Gostaria de dizer uma frase que já lhe disse antes: você pode não ter orientado meu TCC, mas orientou minha formação. Quero lhe agradecer por todas as trocas, convites, conversas e momentos.

A Nina Xará, pelas fotos maravilhosas que estão nesse trabalho; e a João Fernando, pela ajuda na audiodescrição das obras que estarão disponíveis no dia da apresentação.

Gostaria de agradecer também aos membros componentes da minha banca, Joana D'Arc de Lima e Guilherme Moraes, pela disponibilidade e apoio no processo de finalização da pesquisa.

A Juliana Barretto e a toda equipe da Arte Plural Galeria, por me receberem de braços abertos para realizar a apresentação da banca no espaço e todo acompanhamento nesse processo.

Por fim, agradeço a todos que, direta ou indiretamente, contribuíram para a realização deste projeto. Foram muitas pessoas envolvidas, e cada palavra de incentivo fez a diferença.

Obrigada!

RESUMO

Esse trabalho de conclusão de curso, ou “estudo transpológico”, é uma busca de como representar as minhas vivências enquanto pessoa transfeminina através de lápis de cor sobre papel. O processo de preparação foi composto por dois momentos: o primeiro sendo a pesquisa estética, na qual realizei uma busca e levantamento de outros artistas visuais cujas obras inspiraram o meu trabalho; e o segundo momento, de pesquisa bibliográfica, com o intuito de fomentar o trabalho. O processo de criação prática parte da investigação do lápis de cor, no qual realizei uma produção artística de dez obras conceituais e hiper-realistas, sempre partindo de vontades inconscientes seguidas pela busca do entendimento das mesmas, e pesquisas para completar as composições. O trabalho está estruturado de forma que insere outras mulheres trans e travestis, dedicando páginas azuis inteiras a citações de letras de músicas que me inspiraram antes e durante o meu processo de transição.

Palavras chave: transpologia, transição; lápis de cor; hiperrealismo; artes visuais.

This final project, or “transpological study,” is a search on how to represent my experiences as a transfeminine person through colored pencils on paper. The preparation process consisted in two moments: the first being aesthetic research, in which I searched for and surveyed other visual artists, whose works inspired my work; and the second moment, bibliographical research, with the aim of fostering the work. The practical creation process begins with colored pencil research, in which I produced an artistic production of ten conceptual and hyper-realistic works, always starting from unconscious desires, then followed by the search for understanding them, and research to complete the compositions. The work is structured in a way that includes other trans women and “travestis”¹, dedicating entire blue pages to quotes from song lyrics that inspired me before and during my transition process.

Keywords: transpology, transition; colored pencil; hyperrealism; visual arts.

ABSTRACT

9 **florescer**

17 **enraizar-se na própria
essência**

17 **procurando o outro, tentando
entender a mim**

19 **o que é que tem em mim
que tanto me incomoda**

22 **transpofagia do ser**

22 **neca**

28 **pele macia**

32 **antúrio**

35 **porcelana**

38 **ostradiol**

40 **bonequinha**

43 **a boneca**

46 **vênus**

48 **periquito**

50 **chuchu**

54 **onde cheguei**

56 **referências**

57 **notas**

BR
A
M
S

Estou procurando
Estou procurando

Estou procurando, estou tentando entender
O que é que tem em mim
Que tanto incomoda você

Estou procurando, estou tentando entender
O que é que tem em mim
Que tanto incomoda você

Se é a sobancelha, **o peito**
A barba, o quadril sujeito
O joelho ralado, apoiado no azulejo
Que deixa na boca o gosto, o beijo
Saliva, desejo
Seguem passos certos
Escritos em linhas tortas

(Trecho da música “Submissa do 7º Dia”, Linn da Quebrada, 2017).

Venho numa jornada para me entender enquanto mulher trans, buscando o que é que tem em mim que tanto me incomoda. Na música “Submissa do 7º Dia”, Linn da Quebrada questiona sobre o que incomoda o outro; mas essa busca sempre foi sobre os meus incômodos. No início, o processo de me entender *queer* foi complicado e demorado; só tive a oportunidade de pensar sobre aos 17 anos, no Ensino Médio. Cursei o Técnico em Edificações, integrado ao Médio, no IFPE (Instituto Federal de Ciência e Tecnologia de Pernambuco); logo no primeiro período, busquei atividades extracurriculares e entrei no grupo de Teatro de lá, fazendo um ciclo de amizades completamente diferente do que tinha no Ensino Fundamental - e que me possibilitou ter muitas conversas e vivências. Depois de muitas lágrimas e desabafos com amigos, consegui externar minha sexualidade aos 18 anos, após me entender enquanto uma pessoa pansexual - afinal, o que me atraía nas pessoas ia muito além de características corporais ou genitálias, e sim a relação que viria a construir com elas.

Desde pequena, sempre me interessei por filmes, séries e músicas que fugiam ao padrão heteronormativo a mim imposto pela sociedade; ou seja, sempre tive interesse pela cultura *queer*, porém, sempre tendo que assistir/consumir escondida, pois não era “assumida”. O que me chamava atenção nesses conteúdos era a forma que as pessoas podiam se expressar livremente, especificamente a forma que pessoas que não foram designadas no sexo feminino ao nascer podiam expressar feminilidade. Por conta desse processo ter sido mais doloroso, ter evitado pensar e falar sobre isso com medo da reação dos meus pais, acabei nunca realizando um trabalho explorando o meu corpo enquanto pessoa *queer*. Dessa forma, escolhi escrever esta narrativa de maneira sensível, que vai sendo quebrada por páginas azuis que contém trechos de músicas de cantoras trans e travestis¹ relevantes para cada momento da minha história e que me inspiraram antes e durante o processo da minha transição.

Todo dia morre mais de uma das minhas

Espero que isso mude

Espero que a raiva pare de andar ao meu lado

Espero que o medo pare de me acompanhar

Mas eu 'to cansada de esperar

Eu mereço parar de esperar

Por isso, ando com a minha navalha

Minha navalha carrega o fio da vida

Minha voz está cansada de gritar

Sei que o meu caminho é só de ida

E a gente não vai recuar

Esperar o amor, mas **andar com medo**

Eu mereço muito, muito mais

Espero ter sorte, não morrer tão cedo

Eu sei, eu mereço andar em paz

Andar em paz, eu mereço

Mereço sorrir

Mereço cantar

Andar em paz, eu mereço

(Trecho da música “Andar em paz”, Urias, 2019).

Gênero sempre foi uma questão muito presente na minha mente, porém sempre deixada de lado. Em 2020, entrei no curso de Artes Visuais - Bacharelado na UFPE (Universidade Federal de Pernambuco) e comecei a refletir mais sobre o que seria gênero, e assim como, como isso me atravessava. Comecei a adquirir roupas ditas como femininas e aos poucos as adicionando no meu dia a dia. Entendi que minha expressão de gênero estava mudando e não estava nada confortável em me apresentar enquanto homem. Nesse período, sempre estive me perguntando sobre transição de gênero, então (acredito eu, vendo agora a situação com outros olhos, que, por medo), um ano depois, me entendi enquanto pessoa não binária.

Cada dia que passava estava mais confortável com a forma que me vestia, mas algo no meu reflexo no espelho sempre estava me incomodando e não conseguia entender o que era (hoje, sei que era a barba). Os pensamentos sobre transição começaram a vir com mais frequência à medida que o tempo passava, até que, no carnaval de 2024, assisti o show da cantora Urias. Sempre ouvia uma música específica dela e me emocionava com a letra; "Andar em paz" sempre mexia muito comigo, afinal, quando conheci a música, tinha muito medo de me expressar; mas foi escutando "*Blossom*" ao vivo, vendo a mulher incrível e bem sucedida que ela é, me fez entender de vez quem eu era.

A partir desse dia eu já estava certa de minha identidade, mas ainda tinha medo de como meus pais iriam reagir. As reflexões de gênero se tornaram mais intensas durante o mês de março de 2024, justamente o mês que me debrucei sobre a escrita do pré-projeto para este trabalho. Passei por um turbilhão de coisas e pensamentos que giravam em torno do medo. Tendo que refletir e pesquisar sobre gênero para a escrita do pré-projeto, junto com o desejo de "desabrochar" cada vez mais forte e sem conseguir, entrei num momento de *burnout*².

Há força para enraizar

Brotar

Mesmo não havendo água

E ao acordar

Desabrochar

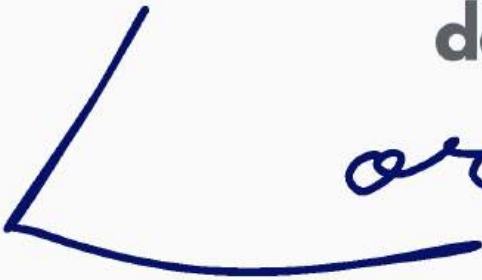
Sempre tidas como loucas

Mas florescer é para poucas

(Trecho da música “*Blossom*”, URIAS, 2019).

Sempre busquei terapia psicológica, e nesse momento meu psicólogo estava acompanhando toda a situação; ele recomendou que eu buscasse ajuda numa emergência. Chegando, a equipe médica recomendou que ficasse um período de quatro dias de internação na UTI. Não queria que meus pais soubessem da situação, então lhes disse que iria dormir na casa de uma amiga, o que não deu certo: eles acabaram descobrindo e foram me visitar. Lá, conversei primeiramente com minha mãe, e ela, embora preocupada, me recebeu bem. Em seguida foi a vez do meu pai, que, por mais que fosse a pessoa que eu mais estivesse com medo de falar sobre, foi quem melhor me recebeu. Durante nossa conversa, ele me perguntou se já havia “pensado no nome” - o que me pegou de surpresa pois, na verdade, não havia pensado ainda. Perguntei então qual seria o nome que eles iriam me dar se tivesse “nascido menina”, e ele respondeu. Em seguida, o ouvi falando com minha mãe fora do quarto, e ele disse:

“SE DESPEÇA DA SUA **FILHA!**

 **demorou, mas**
orena
chegou”

Por mais que esse processo tenha sido agitado, foi extremamente necessário para que pudesse me ver de verdade enquanto mulher. A pesquisa surge justamente desse desejo de “florescer” e explorar no campo artístico a minha realidade enquanto pessoa transfeminina, da necessidade de ver arte que exalte esse grupo dissidente ao qual faço parte; surge a necessidade de explorar o que não podia explorar. Afinal, hoje com apoio da minha família e do meu ciclo de amizades, sendo aberta e publicamente uma pessoa transfeminina e ciente dos meus direitos, me sinto confortável para pesquisar e produzir a respeito.

Se os galhos alcançar
Onde ainda não posso ver
Nada me impede de crescer
E quando chuva me castigar
Ela vai transformar
Tudo aquilo que tem que ser

(Trecho da música “*Blossom*”, Urias, 2019).

Nela, busco trazer para o ambiente acadêmico pautas que são pouco faladas - até mesmo no meio social cotidiano -, tendo em vista que ao realizar uma pesquisa em plataformas como a ANPAP, Capes e Google Acadêmico, e periódicos como a Cartema e GeARTE, foram encontradas poucas bibliografias e obras de arte que abordassem especificamente vivências cotidianas de uma mulher trans no meio artístico. Trago também uma visão científica, registrando e retratando minhas vivências, dessa forma trazendo aspectos da luta por inclusão. Além de ampliar o repertório sócio cultural de quem lê, esta pesquisa torna-se relevante através da bagagem de representatividade desse grupo dissidente que se encontra à margem da sociedade. Ao fazer esse processo criativo, cria-se o exercício de ouvir o outro, conhecer suas pautas, reconhecer minorias, destacando suas necessidades e direitos.

Neste processo de transição, muitas coisas mudam e novas situações bem específicas acontecem: o incômodo com a genitália, gerando a necessidade de “aquendar” com mais frequência e, principalmente, a urgência de remover os pelos faciais de diversos métodos diferentes, como lâminas e *lasers*. Sendo assim, a pesquisa tem como principal foco representar as minhas vivências transfemininas através de lápis de cor sobre papel, sob uma perspectiva hiper-realista e conceitual. E, como objetivos específicos, pretende-se levantar discussão acerca de vivências transfemininas, explorar o material na prática artística hiperrealista, e por fim trabalhar um processo artístico subjetivo numa linguagem artística conceitual.

A presente pesquisa se trata do meu processo criativo subjetivo, de natureza exploratória. Seguindo a mesma linha de pensamento de Gatti (2018, p. 13) “[...] o processo de construção de uma pesquisa, pensado metodologicamente, deveria, a meu ver, seguir o mesmo caminho dessa dialética pareysoniana, pois pesquisar a formação da obra de arte é o mesmo que fazer arte, que formá-la.”. O processo de preparação foi composto por dois momentos de pesquisa e revisão bibliográfica o (1) primeiro se trata pesquisa estética na qual realizei uma busca e levantamento de outros artistas visuais cuja obra inspiram o meu trabalho, tanto de forma presencial, em eventos de arte como a ArtPE³,

vernissages e exposições, como de forma virtual, em plataformas como o *Instagram*; e o (2) segundo momento faz referência ao levantamento de artigos, livros e teses, com o intuito de fomentar o trabalho.

No segundo momento, deu-se início ao entendimento poético num mergulho em si; busquei entender quais assuntos gostaria de elaborar nessa pesquisa e, por estar totalmente imersa no meu processo de transição, resolvi aprofundar nesse tema. Mas surge o desafio de como representar esse assunto visualmente. Para isso utilizei fontes primárias, tais quais vivências cotidianas, inspirações intuitivas e pesquisas complementares para composição dos trabalhos artísticos, além de fontes secundárias na realização da revisão de literatura, para estruturação e conceituação dos elementos compostos abordados no processo criativo. Também recorri a pesquisa bibliográfica, mediante artigos, monografias, teses e dissertações. Em paralelo, aconteceu o processo de criação, a investigação do lápis de cor sobre papel, no qual realizei uma produção artística de dez obras conceituais e hiper-realistas.

enraizar-se na própria essência

procurando o outro, tentando entender a mim

Estudar arte sem consumir arte é como tentar falar uma língua sem nunca tê-la ouvido. A produção artística é totalmente dialógica, construída a partir de referências, interações e respostas às obras que nos cercam. Não há como aprofundar-se no fazer artístico sem estar imersa no trabalho do outro, pois a arte é um campo que se alimenta de trocas e influências. Ao consumir arte, seja através de exposições, leituras, ou das obras de colegas e mestres, abrimos nosso olhar para novas possibilidades, técnicas e discursos. Esse processo nos enriquece e nos oferece subsídios para desenvolver um trabalho que não apenas ressoa com o que já foi feito, mas que também propõe novas formas de expressão e reflexão.

Por isso, a pesquisa estética realizada foi um processo fundamental para o desenvolvimento e amadurecimento de meu trabalho. Durante esse percurso, busquei inspiração em diversas referências visuais, tanto de maneira presencial quanto virtual, criando um diálogo entre suas vivências e as obras que encontrei. O levantamento de trabalhos de artistas visuais que influenciam minha criação foi feito de forma abrangente, incluindo visitas a eventos importantes, como a ArtPE, *vernissages* e exposições, onde pude entrar em contato direto com as obras e refletir sobre suas linguagens, técnicas e temáticas.

Essas experiências presenciais foram enriquecedoras, pois permitiram que eu observasse de perto as nuances e detalhes das criações, além de possibilitar a interação com outros artistas e suas narrativas. Paralelamente às experiências presenciais, também explorei o universo digital, utilizando plataformas como o Instagram para me conectar com um número ainda maior de referências.

Através dessa rede, encontrei artistas contemporâneos que compartilham seus processos criativos, revelam suas experimentações e levantam questões que ressoam em meu trabalho. Para isso, elenquei três obras de três artistas que acredito serem relevantes para essa busca estética.

Imagem 1

A primeira (Imagem 1) obra que selecionei para abordar nesta pesquisa foi “Eterno flerte” de Laura Pascoal, artista natural da Bahia que mora há mais de uma década em Recife. Uma obra que estava participando na sua exposição individual “Balada de ilusões” na Garrido Galeria, em março de 2024. Em suas obras, ela aborda bastante elementos sentimentalistas e do cotidiano para elaborar suas vivências. Nesta obra, a artista compõe a tela de forma quase simétrica. Salvo alguns elementos posicionados ao meio, porém, o que mais me prendeu foram as conchas com pérolas, na parte de baixo.



Fonte: foto do acervo pessoal da autora, Recife, 2024.

Imagem 2



Fonte: foto do acervo pessoal da autora, Recife, 2024.

A segunda (Imagem 2) foi “Todas as cartas de amor”, uma aquarela sobre papel de Lucas Elias, artista visual de Santa Catarina. A composição apresenta vários elementos do cotidiano - entre eles, um cacho de banana, que hoje consigo perceber que foi o que me chamou atenção. O estilo de pintura, a luz e sombra e a forma que os itens estão dispostos na composição me chamaram muito a atenção. Lucas consegue, através da aquarela - que é uma técnica de baixa densidade -, gerar um produto incrível de cor e profundidade. A vi presencialmente na ArtPE em 2024.

A terceira (Imagem 3) obra que me chamou atenção foi da artista visual Efe Godoy, que trabalha com hibridismo de figuras, como animais e plantas. A obra “Cavalo + antúrio vermelho” está disponível em seu perfil do Instagram. Ela pergunta o animal e planta favoritos de alguém e brinca com essa mistura de imagens.



o que é que tem em mim que tanto me incomoda

Fonte: disponível em:
<<https://www.instagram.com/p/C14Vg1lgJc7/?igsh=dGExYXRmM3ZnbChq>>.
Acesso em: 24 mar 2025.

No início da minha jornada, busquei entender o termo queer, e não demorou muito para perceber que é um termo com diversos desdobramentos. Halberstam (2020) em “A arte *queer* do fracasso” faz essa associação para explicar o ponto de vista da sociedade do que seria essa pessoa queer: “O senso comum heteronormativo leva à equação de sucesso com avanço, acúmulo de capital, família, conduta ética e esperança. Outros modos subordinados, queer ou contra-hegemônicos de senso comum levam à associação de fracasso com não conformidade, práticas anticapitalistas, estilos de vida não reprodutivos, negatividade e crítica”.

Quando lido rapidamente, pode-se entender que o autor está associando tudo que é queer com algo negativo; porém, entende-se que a ideia do fracasso é o fracasso perante os olhos da sociedade heteronormativa, com o objetivo de ressignificar essa palavra e trazer força para o movimento. Uma vez em que reconheci que minha expressão de gênero não se adequa ao padrão social, a ideia de fracasso não soa mais como algo negativo.

Como dito anteriormente, esse é só um dos desdobramentos do termo *queer*, afinal, o termo do inglês significa “estranho” ou “o que não é comum”. Quando entendi que, independente de ser uma pessoa trans binária ou não binária, continuaria sendo “estranha” para a sociedade, comecei a pesquisar sem medo sobre os processos e procedimentos que gostaria de realizar; ou melhor, vivenciar, para que ficasse mais confortável comigo mesma.

Então, comecei pesquisar especificamente sobre gênero e transexualidade, me deparando com o conceito do **Corpo ciborgue** elaborado pela pensadora Donna Haraway (1991) em “Antropologia do ciborgue: As vertigens do pós-humano” lançado no final do século XX. Nele, a autora fala sobre a relação entre o corpo humano e a tecnologia.

Identifica-se a relação do corpo ciborgue com o corpo trans na fala de Haraway (p. 11, 1991):

“De um lado, a mecanização e a eletrificação do humano; de outro, a humanização e a subjetivação da máquina. É da combinação desses processos que nasce essa criatura pós humana a que chamamos “ciborgue”.

Especificamente no trecho em que se refere à “mecanização” do humano, e mais pra frente nesse mesmo trecho, essa relação é explicitada ao apresentar uma lista de “intervenções” que vêm sendo feitas sobre os seres, tais como “Implantes, transplantes, enxertos, próteses. Seres portadores de órgãos “artificiais”[...]”.

Procedimentos muito comumente utilizados para afirmação de gênero de pessoas trans, como implantes de próteses capilares ou de silicone e enxertos de gordura. A ideia de que o corpo está cada vez mais sendo ligado à tecnologia para a sua melhoria está diretamente relacionado com processos vividos por pessoas trans. Ainda que consiga fazer analogias para entender melhor, ainda me perguntava como de fato como definir gênero.

Joan Scott foi uma influente teórica sobre a aplicabilidade do termo gênero. [...] A autora conceituou que o gênero é constituído por quatro elementos que se correlacionam. São eles: os símbolos (nossas expressões sociais e caracterização); os conceitos normativos [...]; a representação binária dos gêneros [...]; e a identidade subjetiva [...] (Camargo e Sampaio Neto, p. 165, 2018).

Tendo em vista tudo isso, comecei a reparar nas diversas mudanças e novas vivências que estavam acontecendo no meu cotidiano e quais símbolos estavam se transformando. E, de forma inconsciente, foram surgindo ideias. Fonte, Andrade e Semenishcheva (2022, p. 179) afirmam que “Do grego Symbolon, os símbolos representam algo abstrato, sendo elementos essenciais na comunicação, uma vez que são formas de linguagem, encontram-se difundidos pelo cotidiano nas mais variadas vertentes do saber, bem como das vivências e experiências humanas.”

Refletindo sobre tudo o que foi levantado, me deparei com a problemática de estar pesquisando sobre transfeminilidades e não ter referências trans fundamentando a parte teórica do trabalho. Foi então que recebi de presente da minha amiga Fernanda um livro; o “Manifesto Transpofágico”, de Renata Carvalho, é o resultado da sua pesquisa sobre ser uma mulher trans; ou, como a própria autora fala, o livro é “um estudo teórico, científico, epistemológico e etnográfico acerca da minha **Transcestralidade** - ancestralidade trans, mas também empírico. Este estudo chamo de “**Transpologia**”; uma antropologia trans, ou seja, uma travesti que estuda corpo travesti/trans; uma **Transpóloga**”.

O livro me trouxe muito aprendizado, emoções, dúvidas e uma certeza que, enquanto mulher trans pesquisando sobre vivências transfemininas, produzindo material artístico e acadêmico, me considero também, transpóloga; além disso, que esse trabalho também se trata de “transpologia”, ou “**estudo transpológico**”. Outra forma de inserir outras mulheres trans e travestis nessa pesquisa foram as citações de letras de músicas que me inspiraram antes e durante do meu processo de transição.

transpofagia do ser

Este capítulo vai abordar o processo de criação individual de cada obra fruto dessa pesquisa. Elas estão dispostas de forma cronológica, de acordo com a data de finalização de cada uma. O processo de criação foi comum a todas, embora cada uma tenha suas particularidades, passando por dois momentos: a vontade inconsciente da pintura, e logo em seguida a composição da obra com um segundo elemento, tanto de forma inconsciente, como através de pesquisas visuais ou bibliográficas.

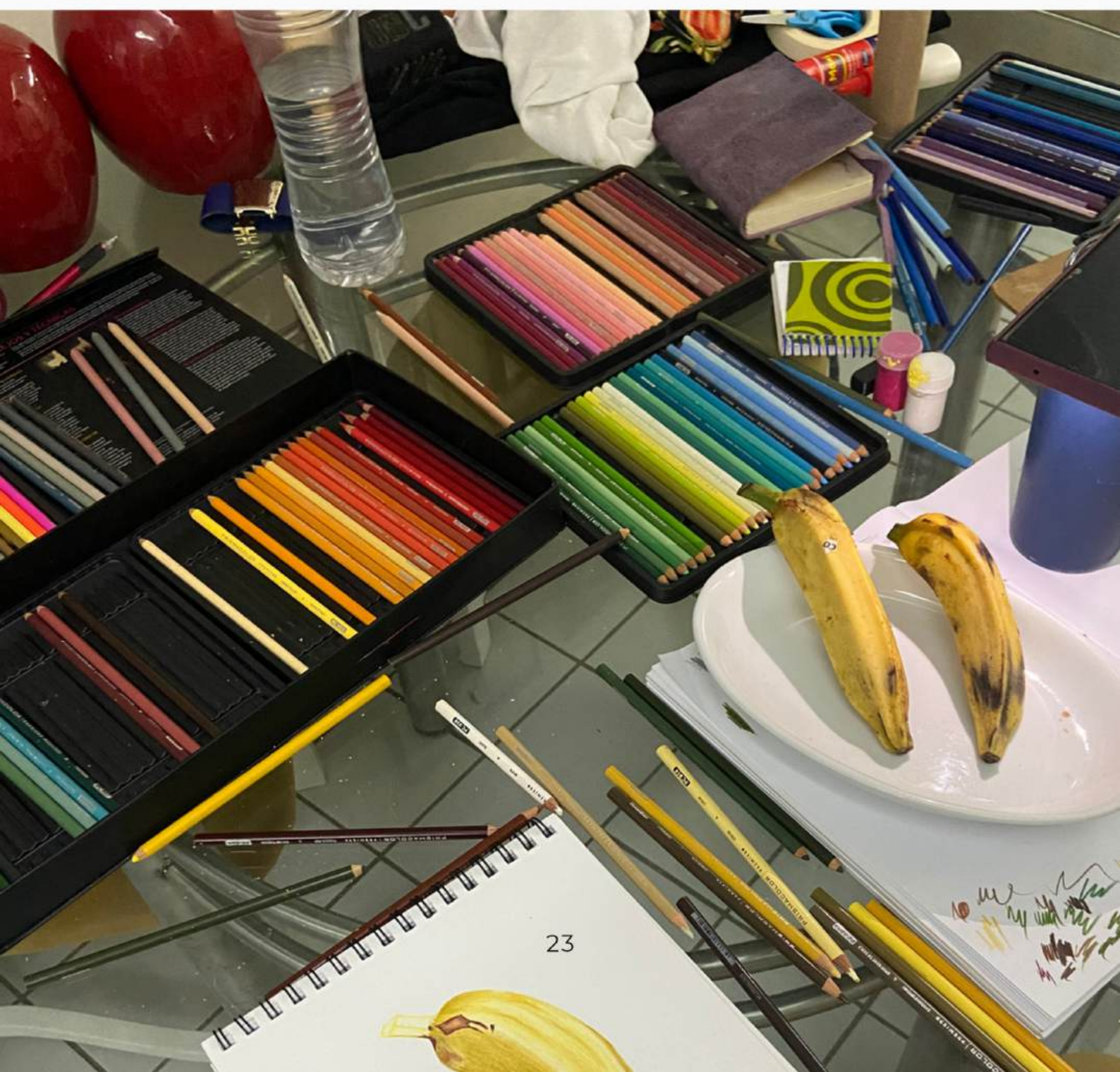
neca

A pérola sempre foi um símbolo muito presente na vida, tanto por causa da influência do desenho animado “Steven Universo” como também pela vontade inconsciente de usar tanto esse item no vestuário quando era pequena. Hoje em dia, possuo vários acessórios de pérola, madre pérola e conchas. Enquanto estava revisitando alguns trabalhos antigos em arquivo, surgiu uma vontade muito grande de pintar uma pérola; sendo assim, peguei papel e lápis de cor, fiz uma pesquisa rápida de referências e parti para a pintura.

A princípio, usando uma tampa de garrafa como guia, pinteí uma pérola numa parte aleatória da página, apenas para saciar o desejo de materializar esse pensamento inconsciente. Em seguida, decidi sem motivo dispor outra ao lado, como se estivesse por trás (flutuando?). Foi quando terminei a pintura que tive um lapso de ideia. Fui à cozinha, peguei uma banana, organizei uma cena rápida com iluminação artificial e fiz uma natureza morta com o modelo vivo (ou inanimado) que estava à minha frente.

De forma fluida, a obra “Neca” (Imagem 4) surgiu da composição não planejada de duas pérolas com uma banana. Quando finalizei a pintura da segunda pérola, tive uma visão delas representando o saco escrotal -

órgão visto amplamente como símbolo da masculinidade; porém, pérolas não representam isso, e sim o contrário. Fonte, Andrade e Semenishcheva (p. 179, 2022) afirmam que “As pérolas têm reputação pela sua pureza e esta particularidade é, sem dúvida, primordial, [...] as pérolas simbolizam a feminilidade, a virgindade e a inocência”; e ainda que “A joia é também associada ao corpo e órgão genital feminino”. Dessa forma, fazer essa subversão de símbolos é algo completamente disruptivo. A banana por ser um elemento fálico, é de fácil associação a um pênis, entrando para completar a composição.



Prr-ka-ka, prr-ka-ka, **neca**

Boneca de neca

Brazilian bitch, brazilian bitch

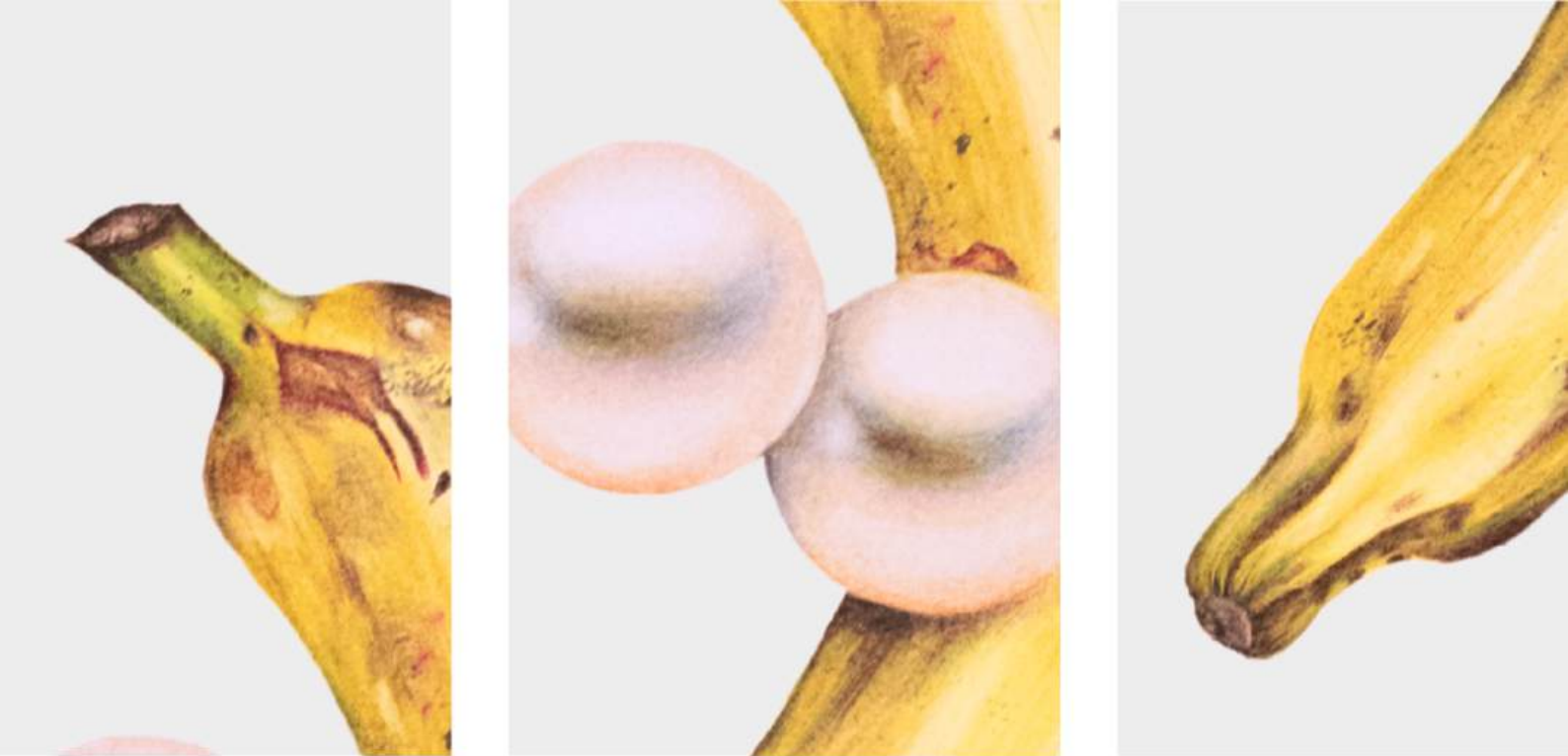
To the Brazil, to the Brazil

And no fucking shay

(Trecho da música “Brasileirinhas cunty”, Imãs de Pau, 2024)



Imagem 4 - "Neca"
Fonte: acervo pessoal da
autora, Recife, 2024.



Essa pintura não se trata apenas de fazer referência a um órgão genital, mas sim de retratar um símbolo que está presente nas minhas vivências e de muitas mulheres trans e travestis. Para mim, ele ainda é uma questão, pois não somente está presente como também é um grande incômodo quando quero usar roupas mais justas; porém, tenho ciência que ter um pênis não me faz menos mulher, e sim ainda mais travesti.

Sendo assim, a “Neca” se tornou um tópico que constantemente tem sido falado, pensado, questionado no meu cotidiano. O termo aparece na música

“BRASILEIRINHAS CUNTY” da dupla Irmãs de Pau, em colaboração com a cantora Aurora Abloh; especificamente no trecho “boneca de neça”, sendo este uma fala do pajubá⁴, que significa mulher trans ou travesti que possui pênis. Pode-se dizer que o pajubá foi consolidado no primeiro dicionário do dialeto escrito por Jovana Cardozo (Jovana Baby), o “Diálogo de Bonecas”, lançado em 1992. Vita Pereira e Izma Almeida são travestis que, através de sua música, tem me feito me orgulhar de quem sou, de levantar a cabeça e ser uma “boneca de neça”

Ao finalizar essa peça, passei 20 minutos estática admirando, e senti como se tivesse dado luz à uma criança, fruto de muito tempo de pesquisa.

Todo esse processo me lembrou sobre o movimento antropofágico que, como descrito por Alice de Souza Araujo e Bernardo Ricupero (2020): “O objetivo por trás da operação antropófaga não é a simples predação do inimigo, e sim a apropriação das capacidades subjetivas dele para constituição de si enquanto sujeito autônomo, da mesma maneira que na antropofagia Tupinambá.” Associando ao fato de que estou me apropriando de um símbolo dito como masculino, não somente a banana, mas o pênis em si, e, transformando - ou melhor, ressignificando - como um símbolo travesti. Ou seja, num movimento **TRANSPOFÁGICO**, o termo cunhado por Renata Carvalho no manifesto supracitado de 2021, podendo ser melhor compreendido no trecho a seguir:

Se o movimento antropofágico tem na figura do canibal a inspiração para a absorção do velho para uma nova construção que, ao se alimentar do alheio, produz uma autonomia estética cultural a partir da diferença, a transpofagia se vale da trans e da travesti para seu processo de devorar o alheio; parte de si, do próprio corpo e de sua alteridade para devorar, deglutir, rechaçar, transformar e transfigurar o social, o estético e o cultural, produzindo um novo saber estético que incide sobre o social, marcado pela diferença. Assim como a antropofagia, a transpofagia também se mantém no tensionamento entre o que se considera tradicional e aquilo que surge com o nome de moderno. A devoração desse alheio se torna evidente a partir do protagonismo que surge daquele que produz a arte T, na ascendência da *performer*, por exemplo (Rodrigo , s/p. 2024).

pele macia

O processo de elaboração da segunda obra foi muito similar ao processo de “Neca” (e a mesma premissa vai ser seguida para a elaboração das próximas obras), surgindo de uma vontade inconsciente de comer - e pintar - um caju. Estava obcecada. Pedi que Rafa, meu namorado, fosse ao mercado e comprasse uma bandeja de caju. Nesse mesmo dia, montamos uma cena e usamos o caju como modelo vivo para pintar e ouvimos pela primeira vez a música “Caju” do álbum recém-lançado “Caju”, de Liniker. Depois desse dia, comecei a refletir o porquê dessa vontade tão forte e não consegui chegar a uma resposta; contudo, uma música de Alceu Valença⁵ veio à mente; na letra de “Tropicana”, pode-se encontrar o seguinte trecho: “Pele Macia é carne de caju”. Isso me fez pensar sobre os diversos procedimentos que realizei para ter a pele do meu rosto macia, especificamente me referindo aos pelos faciais.

Decidi então representar um barbeador antigo, estereótipo de masculinidade. Esses barbeadores normalmente tem o cabo de madeira, com um tom “rústico”, e pensando nisso decidi substituir o que seria de madeira por porcelana, fazendo o mesmo jogo que fiz com as pérolas na obra anterior; ou seja, colocar um elemento feminino no lugar de um masculino. Essa não será a única vez que vou utilizar a porcelana nos trabalhos; todavia, dessa vez, eu a utilizei como elemento subconsciente, não pesquisando suas simbologias como das próximas vezes.

Camargo e Sampaio Neto (2018) afirmam que “A identidade de gênero é uma categoria da identidade social e refere-se à identificação do indivíduo como homem ou mulher, ou com alguma categoria diferente de homem ou de mulher” e tendo isso em vista, gostaria de ressaltar que esse trabalho subverte e brinca com estereótipos da identidade de gênero e não tem o intuito de reforçar e/ou impor padrões. Por fim, ressaltando o trecho da fala na qual reforçam que “essa identidade deve ser construída pelo próprio ser humano”.

Quero saber se você vai correr atrás de mim
Num aeroporto
Pedindo pra eu ficar, pra eu não voar
Pra eu manear um pouco
Que vai pintar uma tela do meu corpo nu

Você já decorou quantas tatuagens tenho?
Se eu ligo pra cartoon ou rabisco os meus desenhos
Quantos shows tem na minha agenda, meu disco favorito
O peso do meu coração (meu coração)

Onde serão as férias? Qual tamanho da demanda?
No samba, sei que samba, e o que será que faz chorar?
Será que você sabe que, no fundo, eu tenho medo
De correr sozinha e nunca alcançar?

Eu me encho de esperança, de algo novo que aconteça
Quem despetala a rosa estará lá pro que aconteça?
Nuns dias, sou carente, completa, suficiente
Quero amor correspondente pra testemunhar

Quando eu alçar o voo mais bonito da minha vida
Quem me chamará de amor, de gostosa, de querida?
Que vai me esperar em casa, polir a joia rara
Ser o pseudofruto, a pele do caju

(Trecho da música “Caju, Liniker”, 2024)



Imagem 5 - "Pele macia"
Fonte: acervo pessoal da
autora, Recife, 2024.



A obra (Imagem 5), assim como outras que serão abordadas mais pra frente, traz algumas referências escondidas de coisas que gosto que não necessariamente tem a ver com o contexto - mas que estão lá para compor, como menções à música “Chupa que é de uva” (2011) da banda Aviões do Forró ⁶, tendo em vista que na letra, além de falar de caju, também são citadas uvas e morangos; e um adesivo comumente encontrado em frutas importadas que inicialmente surgiu como uma brincadeira, já que caju é um fruto nativo e não precisa do adesivo, mas, depois de refletindo a respeito, pode-se pensar sobre a hipervalorização de produtos importados; incluindo frutas.



antúrio

A terceira obra (Imagem 6) da série surge de uma vontade de pôr num papel uma flor, e a partir dessa vontade surgiram várias ideias; considerei o lírio, a lótus e até mesmo a rosa. Porém, quando cheguei às imagens de antúrios num banco de imagens, tive certeza que era a que precisava materializar.

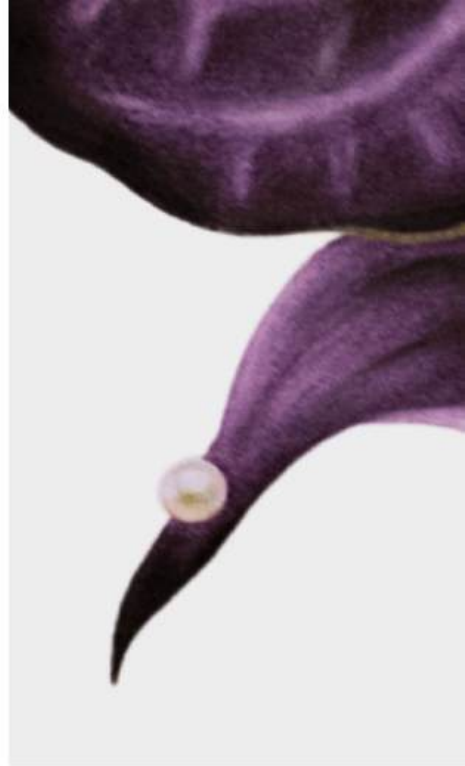
Anthurium andraeanum, uma espécie de plantas popularmente conhecida como antúrio, são inflorescências que podem ser encontradas em diversas cores. O que escolhi foi o Antúrio Utah Roxo. É muito comum pensar que o que se vê ao olhar para um antúrio é uma flor, porém trata-se de uma inflorescência.

As inflorescências do antúrio são constituídas pelo conjunto da espata e espádice. A espata é a folha modificada e colorida responsável pela atração de agentes polinizadores, enquanto que a espádice é a estrutura em forma de espiga, composta por inúmeras flores diminutas responsáveis pela reprodução. As flores verdadeiras do antúrio nada mais são do que pequenos losangos localizados na espádice. Em compensação, os antúrios possuem espatas com uma grande variedade de cores, formas e tamanhos, [...] (Jorge, s/p. 2008).

Sabendo disso - e que visivelmente a espádice naturalmente já possui uma estrutura fálica -, então segui pela mesma ideia de “Neca”, colocando as pérolas como representação do escroto. Fazendo uma comparação entre as duas, o que pude perceber é que na primeira acontece o choque do elemento já estabelecido socialmente como masculino - a banana -, e o clássico feminino - a pérola -; em “Antúrio”, acontece que a flor e a pérola podem ser consideradas figuras do imagético feminino, sendo assim a dualidade, o jogo, a brincadeira fica por conta somente do formato fálico da “espádice” contrastando com o formato esférico das pérolas. Analisando mais atentamente, após um tempo notei que as “espatas” possuem uma forma fluida que podem representar uma vulva ou partes do corpo com muitas veias, logo, esse misto de genitálias se torna muito interessante também.



Imagem 6 - "Antúrio"
Fonte: acervo pessoal da
autora, Recife, 2024.



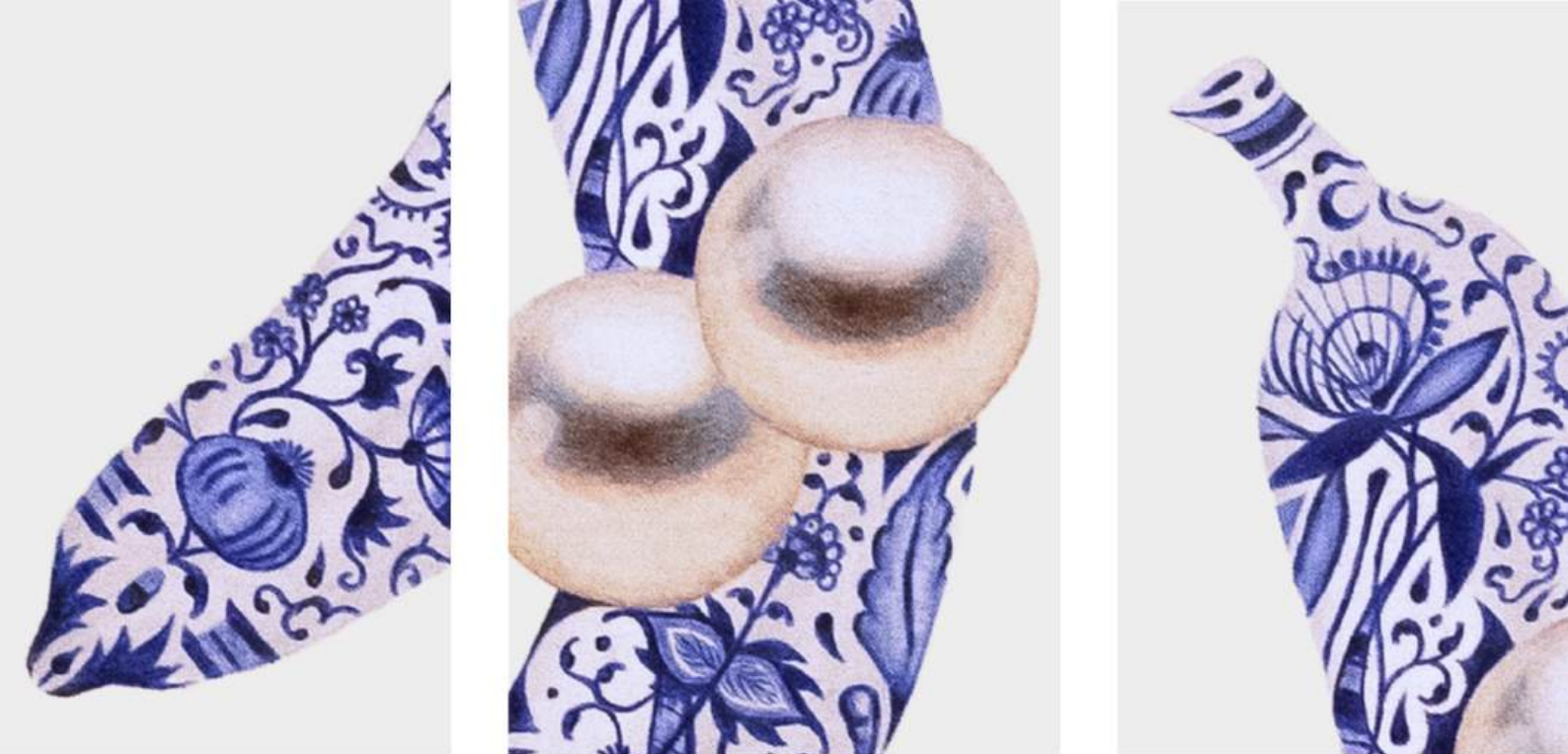
Seguindo com a mesma ideia que vim trabalhando, a ressignificação do pênis enquanto um órgão que não é somente masculino, surge “Porcelana” (Imagem 7) que é um desdobramento direto da obra “Neca”; mas ao invés de pintar a banana com as suas cores originais, apenas o formato dela é disposto, com uma estampa de porcelana; a mesma que foi usada de referência para a obra “Pele macia”. Para a execução dessa obra, realizei uma pesquisa mais aprofundada sobre a estampa e descobri que cada parte dela tem seus significados. A pesquisa teve início pela sua história, a qual foi resumida no trecho a seguir:

Diferentemente da cerâmica popular, restrita ao universo da cozinha e ao atendimento das necessidades diárias, as peças em porcelana foram introduzidas para completar a construção de castelos da nobreza e para servir como presente aos nobres de reinos vizinhos ou distantes. [...] Iniciadas em meados do século XVIII, as primeiras manufaturas de porcelana produziam peças que acompanhavam a tendência estética da época, o Barroco, e, posteriormente, o Rococó. [...] Algumas manufaturas mais famosas lideram a produção, como *Meissen*, a primeira, mas depois, com as variações tecnológicas obtidas, outras manufaturas apresentam inovações formais que passam a servir como diferencial. Na literatura encontramos exemplos de como as tintas de *Meissen* acabaram por influenciar as demais manufaturas alemãs, [...] assim como as manufaturas inglesas, adquirindo porém os desenhos particularidades locais. Em geral, esses desenhos inicialmente copiavam os motivos chineses e japoneses, dando às peças o nome de *chinoiserie*. Eram cenas do cotidiano. Depois seguiram-se os motivos florais, que vieram a gerar o famoso desenho de cebolinha (*Zwiebelmuster*) em decoração sob vidrado de cobalto” (Marques, s/p, 2009).

Fui então pesquisar o motivo de se chamar cebolinha, e foi lendo a tese de Grossegessse (2017) que descobri que “o “*Zwiebelmuster*”, tipo de ornamento mais divulgado na história ocidental da porcelana, representa um equívoco intercultural do modelo chinês das três frutas benditas: pêssago, romã e limão. Na interpretação da manufatura de *Meissen*, as duas últimas frutas se fundiram numa cebola.”



Imagem 7 - "Porcelana"
Fonte: acervo pessoal da
autora, Recife, 2024.



Realizei também uma pesquisa em antiquários em busca da “Cebolinha”, e, quando finalmente achei, fui fazer uma visita. A dona do antiquário me contou a mesma história supracitada, além de falar do processo de chegada ao Brasil. Assim como as manufaturas alemãs influenciaram as inglesas, e assim por diante, a influência chegou a Portugal, e em seguida foi trazida ao Brasil. Esse movimento de influências e apropriações também pode ser comparado ao processo de antropofagia de Oswald de

Andrade, tendo em vista que a cada país que ia passando, a estampa ganha características novas.

A obra também esconde referências pessoais; assim como “Pele macia”, no topo da banana tem uma lua, que é uma menção sutil à música “Lua deserta” da cantora Catto, que será aprofundada mais pra frente, e na parte de baixo, um símbolo que faz referência a uma pílula, que será elaborada na próxima obra.

ostradiol

Essa obra (Imagem 8) marca um momento bem específico da minha transição: a manipulação de hormônios, especificamente o estrogênio. No início da transição, busquei acompanhamento tanto psiquiátrico como endocrinológico para iniciar a hormonização. No segundo mês, iniciei com bloqueador de testosterona - ou acetato de ciproterona -, seguindo com ele até o segundo mês, quando adicionei o Primogyna (valerato de estradiol). Todo esse processo foi realizado pelo SUS e acompanhado diretamente pelos meus pais, seguindo assim por alguns meses. Porém, o Primogyna ficou em falta na farmácia da Policlínica Lessa de Andrade, a qual sou atendida, e então a médica sugeriu recorrer às farmácias de manipulação e isolar o estrogênio em pílulas com as dosagens prescritas por ela. Assim o fiz, e os resultados foram ficando cada dia mais visíveis: quadril, glúteos, seios.

Uma enorme euforia tomava conta de mim, foi disso que surgiu a obra "Ostradiol", uma mistura de "ostra" com "estradiol". Estava ainda muito encantada pelas pérolas, porém não queria repetir a ideia por uma quarta vez; então, a vontade migrou para ostras, os moluscos que produzem as pérolas. O processo de produção de uma pérola é bem peculiar, tendo em vista que vem de uma irritação ou ação de defesa contra algum agente externo, um grão de areia, por exemplo, que ao entrar na concha é envolto por nácar ou madrepérola, formando a pérola. A situação que estava na época era de irritação, então recorri a uma forma de manipular a situação envolvendo uma pílula; o agente externo que estava precisando. Dessa forma, na obra as pílulas representam as pérolas, sendo geradas por esse molusco manipulador.

É interessante observar também que, diferentemente das pérolas, ostras não são tão apreciadas; comumente são consumidos os moluscos pelas praias e descartadas as ostras. Então, nessa obra trago a ostra e o molusco para um lugar de destaque, por mais que tenha esse estranhamento de início a beleza do estranho está lá, pelos detalhes, formas e cores.



Imagem 8 - "Ostradiol"
Fonte: acervo pessoal da
autora, Recife, 2024.

bonequinha

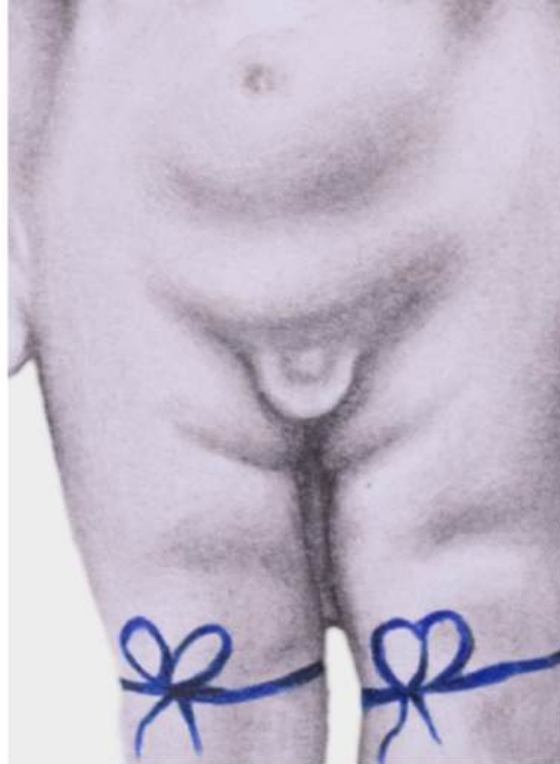
Quando o inconsciente e subjetivo encontram o real e objetivo, surgem coisas como essa (Imagem 9). Há um bom tempo eu estava com vontade de pintar uma boneca. Não sabia o motivo e muito menos qual boneca seria. Considerei a clássica boneca loira dos filmes e até bonecos da marca de peças de montar, porém, a decisão veio quando meu namorado chegou em casa após um dia de ensaios da série que participou, e me contou que falou de mim para uma das atrizes - travesti - que contracenava com ele. Ao mostrar uma foto minha, a reação dela foi: "Que linda, parece uma bonequinha!". Era esse sentimento que estava faltando: o fofo, e para acessá-lo tive certeza que precisava fazer uma boneca de porcelana... mas qual?

Na busca, me deparei com o livro "Brinquedos subliminares: doutrinação de crianças e introjeção de papéis sociais no Rio de Janeiro oitocentista", de Tania Andrade Lima, e nele achei perfeitamente o que havia imaginado: a figura 12 do livro ilustra uma "*Frozen Charlotte*". Encantada pela sua aparência, fui descobrir sua história, descrita no trecho a seguir:

Esse nome é derivado de um poema e uma balada vitoriana muito populares em meados do século XIX, que contam a história de uma linda jovem que saiu com seu namorado de trenó, em uma noite gelada, para irem a um baile. Embora sua mãe a tivesse advertido para que se agasalhasse bem, Charlotte, muito vaidosa, não quis que seu belo vestido ficasse encoberto pelos agasalhos. Como resultado, morreu de frio, totalmente congelada. Brancas como a neve, essas bonecas mediam entre 2 e 15 cm, em média, e o forte vidrado que as recobria remetia ao congelamento pelo frio, tal como seus braços e pernas sem mobilidade. As *Frozen Charlottes* tinham um fundo claramente didático: ensinavam, infundindo terror, que as meninas deviam obedecer suas mães e se agasalharem devidamente no inverno, caso contrário, morreriam; o maior castigo para a desobediência. Mais ainda, mostravam no que resultava a futilidade e o excesso de vaidade. Esse caráter pedagógico, entretanto, nunca chegou ao Brasil, por conta da tropicalidade do nosso clima (Lima, s/p, 2019).



Imagem 9 - "Bonequinha"
Fonte: acervo pessoal da
autora, Recife, 2024.



Isso me fez refletir sobre a minha relação com minha mãe, que sempre foi boa, mas sempre fui desobediente no quesito de vestimenta, querendo “inventar moda” e me vestir com roupas mais coloridas na infância e mais femininas na adolescência, chegando aos dias de hoje, em que ela me presenteia e passeia comigo pra comprar roupas que me deixem confortável. Pra mim, essa boneca grita minha relação com minha mãe; contudo não com o tom de leve horror como no conto que originou seu nome, mas de um lugar de afeto e carinho.

A partir disso, iniciei a pintura, mas ainda sentia falta de algo. Foi aí que caiu a ficha de algo que estava na cara, mas não estava dando atenção: “boneca” no Pajubá quer dizer “travesti”. Quando me dei conta disso, a obra ganhou uma dimensão enorme e tive certeza o que estava faltando: uma “neca”. Pintei um pênis, não ereto, afinal, a proposta da boneca é para ser infantil. A pequena “boneca de neca” estava finalizada.

a boneca

Seguindo a mesma premissa da obra anterior, nesta (Imagem 10) ainda estava com vontade de fazer mais bonecas, foi então que lembrei de uma obra de Tarsila do Amaral, de, 1928 que, curiosamente, também se chama “A boneca”. Nela, a artista dispõe uma boneca simples com um vestido rosa numa composição colorida no fundo. Tarsila sempre foi uma inspiração estética enorme para mim; sempre fui vidrada nas suas obras, chegando até a fazer reproduções como exercício e prática de pintura. Ferreira (2010, p. 249) afirma que “De sua infância pintou muitas obras que traziam lembranças boas, como “A boneca”, “A cuca” entre outras. As cores vivas, bem brasileiras, compõem a obra “A boneca” demonstrando a alegria de ser criança.”

Num movimento “antropofágico”, me aproprio dessa boneca e disponho ela na composição. Senti que a boneca estava olhando para algo, quase como se estivesse desejando; então, já que a ideia de Tarsila era falar sobre as alegrias da infância, dispus um batom: o primeiro batom que comprei para minha mãe, que, obviamente, antes da transição, usava escondida sem ela saber, assim como todos os outros; símbolo de desejo e de alegria, mesmo que momentânea, antes da transição, e que, depois, viria a ser algo cotidiano, gerando mais momentos felizes de mãe e filha.





Imagem 10 - "A boneca"
Fonte: acervo pessoal da
autora, Recife, 2024.

Muito além
Desse imenso azul rasgando

Você vem
Me parece até Satã
Parece Jesus me beijando

Muito além
Desse imenso azul rasgando

Você vem
Me parece até Satã
Parece Jesus me beijando

Pelas margens e clareiras e desertos, luas cheias
Pelas margens e clareiras e desertos, luas cheias
Lua deserta
Chuva dourada
Lua deserta

O nascimento de Vênus

(Trecho da música “Lua deserta”, Catto, 2017).

Essa obra (Imagem 11) surge de uma associação entre elementos que possuem o mesmo nome de forma quase que instantânea. Tudo começa com a música “Lua deserta” da cantora Catto, que faz parte do álbum resultante da turnê homônima “O nascimento de Vênus”. A música cria uma ambientação que remete à pintura de Sandro Botticelli “O nascimento de Vênus”, e, inclusive, traz em sua letra essa mesma frase, que ficou se repetindo em minha mente inúmeras vezes. Até que, certo dia, enquanto estava me depilando, essa música tocou e me dei conta que a lâmina que estava usando também se chamava Vênus. Neste banho, a imagem da composição da obra já estava formada em minha cabeça.

A obra de Botticelli tem um caráter majoritariamente religioso, porém, não é possível ler a obra sem perceber o apelo visual e estético pelo corpo feminino. No artigo “Uma Leitura Hegeliana narrativizada de o Nascimento de Vênus, de Sandro Botticelli” Garcia (2009) faz uma análise profunda sobre a obra; embora não foque sobre a análise do feminino presente na obra, não deixa de ressaltá-lo em trechos como **“Vênus é bela e pudica, [...] Vênus é amor e beleza. [...] É de fato a figura divina venusiana que expressa esse valor supremo, uma vez que sua anatomia é monumental, expressa a suprema e complexa beleza, mesmo desnuda.”**

Essa associação da imagem da vênus de Botticelli com “beleza” cria no imaginário social do que seria uma figura feminina bela; figura essa que não possui nenhum pelo corporal na obra do pintor. Sendo assim, a substituição do corpo, que está sobre a concha no quadro original pela lâmina de depilação, ganha ainda mais significado. Agora, a lâmina ocupa o lugar “divino” que a outra ocupava, mas não como algo que merece respeito e valorização, e sim como um questionamento sobre a incansável cobrança por um corpo feminino sem pelos.



Imagem 12 - "Vênus"
Fonte: acervo pessoal da
autora, Recife, 2024.

Ao longo dessa pesquisa, construí uma narrativa de auto aceitação e de ressignificação da genitália; embora essa seja uma noção muito positiva e recorrente na minha mente, existe outra que também precisava elencar entre as vivências: a disforia. Embora a aceitação exista, também há um lugar de desconforto, principalmente quando uso roupas justas ou que “marcam” a região da virilha. Desde muito antes de pensar sobre transição de gênero, já havia sonhado com algumas intervenções cirúrgicas para fins estéticos; avanço capilar, por exemplo, porém, alguns desses sonhos passaram a ser mais desejos e necessidades do que apenas vontades.

O implante de próteses de silicone e o conjunto cirúrgico de feminização facial (como a frontoplastia, mentoplastia e blefaroplastia) já são uma certeza, uma meta, algo urgente. Por outro lado, a cirurgia de redesignação sexual ainda paira como uma dúvida. Essa operação é a mais invasiva no processo de transição de gênero, tanto masculina como feminina, afinal, se trata da alteração completa do órgão genital.

Gostaria de dedicar um parágrafo para deixar claro que **nenhuma pessoa trans precisa realizar procedimentos cirúrgicos, hormonais ou qualquer modificação em seu corpo, para ser uma pessoa trans.** Algumas, inclusive, sequer optam por realizar algum procedimento. Reforço que estou falando das minhas vontades e vivências individuais. O que ocorre é que muitas pessoas trans recorrem a esses métodos para acabar com a disforia de gênero e se alinhar física e mentalmente com o gênero ao qual se identificam.

Tendo dito isso, a obra (Imagem 12) surge dessa minha necessidade crescente de realizar esse processo cirúrgico, de cada dia mais retirar o “pinto” (do pajubá, pênis) e substituir por um “periquito” (do pajubá, vagina), mesmo que esse processo seja doloroso, por isso, a composição envolve um periquito de porcelana e um bisturi.



Imagem 11 - "Periquito"
Fonte: acervo pessoal da
autora, Recife, 2024.

É muito gratificante encerrar esse processo com essa obra (Imagem 13), pois foi a primeira ideia que tive; a ideia que motivou todo esse processo. No processo de elaboração do pré projeto para essa pesquisa, tive a ideia de fazer essa relação que venho fazendo ao longo do trabalho de associar a palavra em pajubá com a imagem, coisa ou objeto que significa; por exemplo, pintar um periquito ou uma boneca para fazer uma referência não tão direta ao dialeto. E a primeira dessas ideias foi justamente o chuchu, que, do pajubá, quer dizer a sombra e textura espinosa quase cortante que resulta da depilação facial com lâminas e barbeadores.

Porém, nesse momento, estava fugindo de linguagens artísticas tradicionais e queria muito realizar essa proposta de forma tridimensional (essa ideia continua viva e vai desembocar em futuros projetos) através de uma instalação. Essa ideia se manteve arquivada até a primeira experimentação em “Neca”, e continuou assim até a finalização de todas as obras.

Essa obra fala sobre um momento bem inicial da minha transição que, embora apareça em “Caju”, antecedeu até mesmo “Neca”, como mencionado anteriormente. O primeiro incômodo com o início da transição foram os pelos faciais, pois o uso excessivo de lâminas de barbear, além de não ter um resultado bom, pois deixavam muito evidente o “chuchu”, machucavam muito a pele, fazendo com que procurasse a depilação a laser logo no primeiro mês (que também foi um processo muito doloroso).

A relação do chuchu está diretamente relacionada com lâminas de barbear, incluindo a navalha. Esse modelo de navalha em específico foi muito utilizado por mulheres trans e travestis como ferramenta de defesa pessoal contra as forças policiais; muitas cortavam ela ao meio e colocavam entre os dentes e as bochechas e até mesmo embaixo da língua.

U-ri-as

Muito prazer
Eu sou o oitavo pecado capital
Tente entender
Eu sempre fui vista por muitos como o mal
Não consegue ver
Que da sua família eu sou pilar principal?
Possuo você, possuí você

*Our God's gonna come down
And rapture his people and take them up in the sky*

Sua lei me tornou ilegal
Me chamaram de suja, louca e sem moral
Vão ter que me engolir por bem ou por mal
Agora que eu atingi a escala mundial

**Navalha debaixo da língua (trrá, trrá)
Tô pronta pra briga
Navalha debaixo da língua**

(Trecho da música “Diaba”, Urias, 2017).



Imagem 4 - "Chuchu"
Fonte: acervo pessoal da
autora, Recife, 2024.



O ato virou um símbolo enorme na comunidade trans, e também está presente na música “Diaba” de Urias, no trecho em que diz “Navalha debaixo da língua, ‘tô pronta pra briga”. Para além disso, a obra também traz outras referências “escondidas”, como os códigos que estão escritos na lâmina: o “CID 11”, a classificação internacional de doença, que em seu sexto capítulo no tópico que aborda “transtornos de estresse físico ou experiência corporal” finalmente consta na lista de exclusões a “incongruência de gênero”, e também o “CID F64-0”, que ainda hoje identifica o “transexualismo” (termo ofensivo) enquanto doença.

onde cheguei

Com a trajetória descrita, concluo aqui esse trabalho com dez obras hiperrealistas finalizadas, pelos quais percebi que a representação dos símbolos e elementos retratados de forma real nas composições estão dispostos de forma irreal sob um fundo branco, quase que flutuando. Contextualizando esse processo criativo-metodológico, entendo que as principais passagens que vi nesse tempo de transição estão bem expostas através dos símbolos que foram elencados nas obras, criando uma discussão não só acerca das minhas vivências, mas que também são de várias outras mulheres trans e travestis.

Acredito que essa trama entre experiência pessoal e composição visual pode abrir portas, caminhos e direcionamentos para futuras pesquisas e trabalhos; isto porque as vivências humanas são capazes fazer surgir novas novas simbologias. Foi assim comigo: por meio desse processo artístico e subjetivo, e explorando da materialidade do lápis de cor, entendendo suas nuances, resistências e cores, consegui criar símbolos e significações .

Por fim, faço aqui algumas associações entre as imagens produzidas: a primeira (1) é que as obras "Neca", "Pele macia" e "Chuchu" possuem fruta, fruto e pseudofruto; na segunda (2) observo que "Neca", "Antúrio" e "Porcelana" possuem pérolas; na terceira (3), "Pele macia", "Vênus", "Periquito" e "Chuchu" possuem lâminas; na quarta (4), "Pele macia", "Porcelana" "Bonequinha" e "Periquito" possuem objetos de porcelana, e, por fim; (5) "Ostradiol" e "Vênus" possuem conchas; como ilustra a tabela de observação na página a seguir.

A relação dos símbolos, disposto na tabela 1, para mim são mera coincidência, mas gosto da dinâmica que é criada que liga as obras, transformando o coletivo de obras numa unidade. E, embora seja apenas coincidência, a repetição dessas simbologias só reforça quão presentes estão no meu inconsciente e cotidiano. Entendo também que sua presença inconsciente se dá por serem símbolos da minha transição.

Tabela 1. Quadro de associação simbólica entre as obras

Percepção	Obras	Símbolos
Percepção 1	"Neca", "Pele macia" e "Chuchu".	possuem fruta, fruto e pseudofruto
Percepção 2	"Neca", "Antúrio" e "Porcelana".	possuem pérolas
Percepção 3	"Pele macia", "Vênus", "Periquito" e "Chuchu".	possuem lâminas
Percepção 4	"Pele macia", "Porcelana" "Bonequinha" e "Periquito".	possuem objetos de porcelana
Percepção 5	"Ostradiol" e "Vênus"	possuem conchas

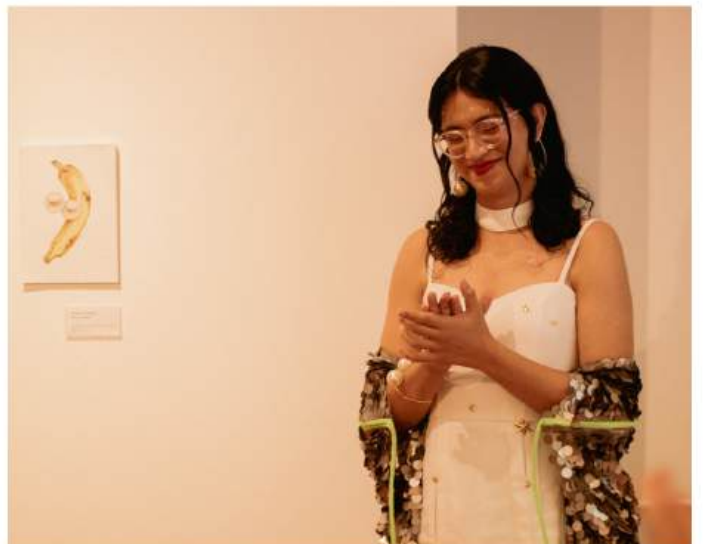
Fonte: arquivo da pesquisa, 2025.

Agora, deixo essa prática visual para ser contemplada como obra de arte e também como objeto de estudo; por isso, entendo que as pessoas espectadoras terão diferentes leituras além do objetivo principal - ou seja, várias possibilidades de fruição e entendimento. Afinal, por mais que esteja falando de forma direta das minhas vivências através das obras, não estou explicitando elas diretamente. Isso é o que traz a beleza do processo criativo. Após a produção, esses símbolos estão sempre em processo de transformação, se resignificando no olhar de cada observador.

Meu trabalho se encerra com a exposição das obras que foi realizada entre os dias 15 e 25 de abril do ano de 2025, na Arte Plural Galeria. O dia 15 foi marcado pela defesa deste trabalho para a banca, e também a abertura da exposição. Com mais de sessenta pessoas presentes, entre elas, familiares e amigos, a banca decidiu avaliar o trabalho com a média final 10. Foi a realização de um sonho todo esse processo, e só tenho a agradecer a todos que fizeram isso possível.

RAVES TRAVEST

Nesta e nas páginas a seguir, deixo ilustradas as fotos, tiradas pela minha amiga e fotógrafa Nina Xará, desse dia, que vão estar marcadas comigo pra sempre como o dia mais importante da minha vida: o dia que viram meu **florescer**.





ENRAIZAR DESABROCHAR *FLORESCER:*

VIVÊNCIAS
TRANSFEMININAS
SOBRE PAPEL

Lorena Falcão



referências

ALMEIDA, Rodrigo Moreira de. **Corpo e performance: (im)possíveis articulações entre arte T e psicanálise**. p. 59.

AMARAL, Tarsila do. **A Boneca**. 1928. Óleo sobre tela. 60 x 45 cm.

ANDRADE, I.; FONTE, F.; SEMENISHCHEVA, I. **Pearl: O simbolismo da pérola**. Gaudium Sciendi, Nº 22, dez. 2022. Disponível em: <<https://revistas.ucp.pt/index.php/gaudiumsciendi/article/view/12951/12338>>. Acesso em: 01 out. 2024.

BOTTICELLI, Sandro. **O Nascimento de Vênus**. 1485–1486. Renascimento italiano, Têmpera sobre tela. 1,72 x 2,78 m.

CAMARGO, S. A. P. D.; SAMPAIO NETO, L. F. D. **Sexualidade e gênero**. Revista da Faculdade de Ciências Médicas de Sorocaba, 29 jan. 2018. v. 19, n. 4. Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/index.php/RFCMS/article/view/35351>>. Acesso em: 30 set. 2024.

CARDOSO, Jovana. **Diálogo de Bonecas**. Rio de Janeiro, Brasil. 1992.

CARVALHO, Renata. **Manifesto transpofágico**. São Paulo: Casa1, v. 1, 2022.

CATTO. Lua deserta. **O nascimento de Vênus tour**. Brasil, 2017. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=L5JEjdKfLA>>. Acesso em: 08 de fev 2025

DE SOUZA ARAÚJO, Alice; RICUPERO, Bernardo. **Movimento antropófago e identidade nacional**. 2020.

FERREIRA, Creusa Avigo. **Análise de duas obras de arte : observações do contexto infantil refletido na expressão**. II Congreso Internacional de Investigación y Práctica Profesional en Psicología XVII Jornadas de Investigación Sexto Encuentro de Investigadores en Psicología del MERCOSUR. Facultad de Psicología - Universidad de Buenos Aires, Buenos Aires. 2010.

FORRÓ, Aviões do. **Chupa que é de uva**, s/a. Brasil, 2011. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=LM4bZSdP3Ss>>. Acesso em: 15 dez 2024.

GARCIA, Fernanda Mazza (2009). **Uma Leitura Hegeliana Narrativizada de o Nascimento de Vênus, de Sandro Botticelli**. Revista Mackenzie De Educação, Arte E História Da Cultura, 5(5/6). Recuperado de <https://editorarevistas.mackenzie.br/index.php/reahc/article/view/508>

GATTI, F. L. O. **A formação da obra de arte como pesquisa: formatividade e metodologia em processos criativos**. PÓS: Revista do Programa de Pós-graduação em Artes da EBA/UFMG, Belo Horizonte, p. 140–155, 2018. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/revistapos/article/view/15603>. Acesso em: 15 mar. 2024.

GROSSEGESSE, Orlando. **A memória dos refugiados em Ilse Losa e Daniel Blaufuks: entre línguas e imagens**. In: Leituras cruzadas para o futuro: movimentos, correntes e diversidades linguísticas e culturais. Construindo pontes para o entendimento global., p. 45-62, 2017.

GUIMARÃES, Jorge Anderson et al. **Manual de reconhecimento e controle das principais pragas do antúrio no Estado do Ceará**. 2008.

HALBERSTAM, Jack. **A arte queer do fracasso**. Tradução sem revisão. Cópia livre por Bibliotecopy, 2020.

HARAWAY, Donna. KUNZRU, Hari. **Antropologia do Ciborgue - As vertigens do pós-humano**. 2ªed. Belo Horizonte. Autêntica Editora, 2009. Disponível em: LIVRO Antropologia do Ciborgue.pdf (usp.br). Acesso em: 8 mar. 2024.

LINIKER. Caju. **Caju**. Brasil, 2024. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=9nbYJm9FYa0>>. Acesso em: 9 ago 2024.

MARQUES, Ana Isabel Mendes Rosa. **As traduções de Ilse Losa no período do Estado Novo: mediação cultural e projecção identitária**. Universidade de Coimbra (Portugal), 2009.

PAU, Irmãs de. Aurora Abloh. **Brasileirinhas Cunty**. Gambiarra Chic, Pt. 1. Brasil, 2024. Disponível em: <<https://youtu.be/HeLWmB8NaHk?si=kXEKYNBBZxiKo95O>>. Acesso em: 26 set 2024.

QUEBRADA, Linn da. Submissa do 7º Dia. **Pajubá**. Brasil, 2017 Disponível em: <<https://youtu.be/Kfjhie6Y5Qc?si=H4434Hxf-JbNrQn0>>. Acesso em: 03 set 2024.

URIAS. Andar em paz. **Andar em paz**. Brasil, 2019 Disponível em: <https://youtu.be/1Wg7Za1Uwy4?si=hBeK126bFMtrt9D_>. Acesso em: 18 set 2024.

URIAS. Blossom. **Her mind**. Brasil, 2023. Disponível em: <<https://youtu.be/ezVAUQcAA54?si=T3ugt2KCufDZludvD>>. Acesso em: 13 set 2024.

URIAS. Diaba. **Diaba**. Brasil, 2024. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=_r83_ualtPM>. Acesso em: 8 fev 2024.

notas

- 1 “Travesti” é um termo brasileiro usado para se referir a uma identidade de gênero feminina única e que não possui tradução, em outros países as palavras “*travesti*” ou “*transvestite*” podem significar “*drag queen*” na Espanha e “*crossdresser*” nos Estados Unidos respectivamente, termos que não serão investigados neste trabalho.
- 2 “*Burnout*” também é conhecido como síndrome do esgotamento profissional, é um transtorno emocional acarretado por altas cargas de estresse.
- 3 ArtPE é uma feira de arte contemporânea que teve sua segunda edição em junho de 2024 no Recife.
- 4 “Pajubá” ou “Bajubá” é um dialeto criado por mulheres trans e travestis durante o período da ditadura militar, como forma de resistência e hoje muito usado pela comunidade LGBTQIAPN+ num geral.
- 5 Cantor, compositor, instrumentista e advogado brasileiro.
- 6 Banda de forró eletrônico formada em Fortaleza, Ceará, no ano de 2002 e que encerrou suas atividades no ano de 2018 .
- 7 Essa parte da pesquisa será inserida após a defesa, revisão e entrega para a versão final, com imagens dos trabalhos expostos

